

Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI

Johan Konings

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Aloysio Bohnen, SJ

Vice-reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Cadernos Teologia Pública

Ano 1 – Nº 1 – 2004

ISSN 1807-0590

Editor

Inácio Neutzling, SJ – UNISINOS

Conselho editorial

Cleusa Maria Andreatta – UNISINOS

Dármis Corbellini – UNISINOS

Edla Eggert – UNISINOS

José Roque Junges, SJ – UNISINOS

Laurício Neumann – UNISINOS

Luiz Carlos Susin – PUC-RS

Rosa Maria Serra Bavaresco – UNISINOS

Vera Regina Schmitz – UNISINOS

Responsável técnica

Rosa Maria Serra Bavaresco

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Fomeck

Revisão – Língua Portuguesa

Mardilê Friedrich Fabre

Revisão digital

Caren Joana Sbabo

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.5908223 – Fax: 51.5908467

humanitas@poa.unisinos.br

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

A publicação dos Cadernos Teologia Pública quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia. A teologia, como função do reino de Deus no mundo, se desenvolve na esfera pública como teologia pública. Ela participa da vida pública da sociedade com a qual se compromete, crítica e profeticamente, na perspectiva do reino de Deus que vem. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes

concepções de mundo e as religiões, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, se inscrevem nesta perspectiva. Eles são fruto da realização do *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*, ocorrido na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, de 24 a 27 de maio de 2004, celebrando a memória do nascimento de Karl Rahner, importante teólogo alemão do século XX.

Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI¹

Johan Konings, SJ²

Oficina

Para introduzir nossa oficina, um exemplo da atualidade. Contaram-me que, no Estado do Rio de Janeiro, o Ensino Religioso, na escola pública, terá de ensinar o criacionismo, ou seja, a criação do universo em seis dias assim como está na Bíblia. Não me assustei. Respondi que é muito bom os alunos conhecerem o “mito” da criação em seis dias. Infelizmente, esqueci de perguntar se esse mito se ensina também na disciplina de História Na-

tural, pois, se esse fosse o caso, eu entraria com um pedido de inquérito...

Quero dizer o seguinte: o texto antigo pode ser interpretado de diversas maneiras: como uma bela e instrutiva poesia ou como uma visão científica irremediavelmente superada. Seja lembrada a história de Joãozinho, que relatou à sua mãe que a catequista tinha contado a “fuga dos judeus do Egito”: “E ela contou que os egípcios foram atrás dos judeus com tanques de guerra e aviões bombardeiros e foguetes...”.

1 Oficina no *Simpósio Internacional O lugar da Teologia na Universidade do século XXI*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, RS, 27 de maio de 2004.

2 Doutor em Teologia, licenciado em Teologia Bíblica e em Filosofia pela Universidade Católica de Louvain, Bélgica. Professor no Instituto Santo Inácio – ISI – CES.

Quando a mãe perguntou se foi assim que a catequista havia contado, Joãozinho respondeu: “Ó mãe, se eu repetisse como ela contou, você não acreditaria nada da história!”

Hermenêutica

Uma das aceitações de “hermenêutica” é a de interpretação de uma mensagem, de um texto. A hermenêutica é arte da interpretação: um diálogo em que se procura articular, num novo contexto-horizonte, o sentido do enunciado primeiro. Isso quer dizer que o texto é um outro, não uma extensão de meu eu onisciente, como no caso do leitor voraz que só lê no texto aquilo que lhe serve.

A tarefa da hermenêutica é inesgotável. Já pelo próprio fato, (ou ato) lingüístico, de redizer o enunciado, eu crio um novo contexto em que a própria interpretação se transforma em elemento do horizonte. Tanto o texto como a interpretação agem por meio da história dos efeitos. Isso quer dizer, também, que o texto é inesgotável, faz parte de uma constelação em contínua transformação.

Podemos focalizar como texto, no sentido amplo, a tradição cristã, isto é, as expressões da experiência cristã, em grau variável de sistematicidade e representatividade, pois nem todas essas expressões têm o mesmo caráter: ora são espontâneas, poéticas, metafóricas, ora sistemáticas e críticas; ora representam experiências pessoais, de um grupo particular ou até de uma maioria “da base”, ora gozam da ratificação da função ensinante e doutrinal, o magistério.

Geralmente, a hermenêutica, na teologia cristã, é entendida como referindo-se à Bíblia. Desde os primeiros séculos do cristianismo, a tradição homilética, a explicação de textos bíblicos, tem exigido certa consciência hermenêutica. Acresce o fato de os primeiros teóricos modernos da hermenêutica serem herdeiros da tradição protestante da *sola Scriptura*. Cremos, porém, que esta expressão de Lutero é uma expressão-limite, uma hipérbole reagindo contra a imposição de crenças espúrias que estava acontecendo na Igreja de seu tempo. A S. Escritura nunca foi uma coisa *subsistente in se*, mas antes, a consagração por escrito de uma tradição viva que a antecede e que dela se alimenta, desdobrando continuamente seu potencial de sentido nos novos horizontes que surgem em cada virada do caminho.

No tempo presente

Para levar o mundo do texto a falar com nosso mundo hoje, teremos de evocar, ainda que de modo rudimentar, o momento presente, o tempo da interpretação. Evidentemente, não podemos falar para o século XXI inteiro, só podemos realçar os desafios da interpretação que se divisam neste limiar do novo século, no qual estamos apenas ingressando.

O momento presente traz a herança de um tradicionalismo fundamentalista, não-interpretativo e desprovido de hermenêutica consciente, embora não livre de interpretações suspeitas – que os “mestres da suspeita”, entretanto, desmascararam.

Para compreender tal situação, devemos lembrar o nível da leitura ingênua: lia-se o texto da tradição assim como se apresentava, sem perguntar expressamente se se tratava de uma descrição realista, de um mito, de uma narrativa simbólica... O segundo momento, o momento crítico, é que faz tais perguntas. Em muitos casos, desmonta o aspecto de realismo com que o relato bíblico se apresenta. E num terceiro momento, temos de procurar a “segunda ingenuidade”: alegrarmo-nos com Papai Noel, mesmo sabendo que ele não existe... no

mundo científico-realista. Embora seja muito eficaz no mundo simbólico!

Assim, para produzir uma hermenêutica produtiva, é preciso livrar-se do entulho de antigas interpretações, muitas vezes inconscientes, que agem como ruídos perturbadores.

Contrariamente à época patrística, na teologia moderna, a preocupação com a hermenêutica é relativamente recente, mas hoje ela se impõe com força. Enquanto os teólogos antigos, por exemplo, Agostinho, tinham consciência do problema, na primeira Modernidade, a teologia se trancou numa atitude de virgindade ameaçada frente às ciências e à filosofia crítica e calou os questionamentos a respeito do estatuto epistemológico de seus enunciados. A Antiguidade cristã e a Idade Média conheciam os diversos sentidos da Escritura. Na Modernidade, pelo contrário, surgiu uma disputa de campo entre o sentido literal considerado histórico e o sentido da fé, que devia prevalecer, mesmo se o sentido histórico lhe era evidentemente contrário. Não se conseguia combinar os diversos modos de significância.

Hoje, a hermenêutica ou interpretação consciente, já não pode ser considerada um passatempo para alguns teólogos meio esquisitos.

No momento atual, à primeira vista, chamam a atenção, por um lado, a globalização, o *boom* da comunicação, o encontro das culturas; por outro, o crescente individualismo, a satisfação individual, a agressividade, a violência – o choque das culturas... Mas o olhar atento vai descobrir também fatores recessivos, escondidos, porém capazes de serem acionados, quando se cria um ambiente para isso. Para não desenvolvermos uma hermenêutica “contra”, reacionária, meramente apologética, mas uma interpretação aberta, positiva, enriquecedora, importa não nos deixar confinar pelos fatores considerados negativos. Do mesmo modo como a hermenêutica desperta, no texto, um potencial, uma reserva de sentido por assim dizer latente, podemos despertar, no horizonte de hoje, fatores latentes que muito contribuirão para a criação de um novo sentido.

Algumas sugestões para a reflexão

Na linha de Gadamer (fusão de horizontes) e Ricoeur (falar com o texto sobre o mundo do texto, que é o assunto da conversa entre o texto e nós), ou, mais perto de nós, na linha do saudoso J. Severino Croatto, procurarei provocar a colaboração de vocês para descobrir so-

bre o que o texto da tradição cristã pode falar conosco neste início do século XXI.

1. Entre os desafios postos à interpretação da mensagem cristã, percebemos, em primeiro lugar, o da interpretação da própria “identidade cristã”.

Vivemos num mundo globalizado. Expressões diversas de todas as experiências e tradições religiosas se tornam acessíveis, como os produtos nas prateleiras de um supermercado, e é comum ouvirmos a frase: “Todas as religiões são boas”. O hermenauta faz umas ressalvas. Uma primeira, quanto ao conteúdo da frase: todas elas são realmente boas – para a humanidade como tal? Uma segunda, quanto à relevância: se eu desejo dialogar sobre as experiências religiosas, o fato de achar que todas elas são boas, com certo indiferentismo quanto à especificidade, não esvazia o diálogo? Será que todos os produtos semelhantes num supermercado são iguais mesmo? Para que então tanta diversidade? Como hermenauta, vamos perguntar: “Qual é a sua?” Procurar o sentido específico das experiências religiosas – em primeiro lugar, da própria –, eis uma prioridade hermenêutica neste âmbito.

2. Um segundo desafio é se devemos focalizar só a “expressão bíblica” – objeto preferido da hermenêutica teológica – ou a “totalidade” da experiência cristã e de

sua “expressão tradicional” (isto é, transmitida comunitariamente). A Bíblia é um elemento da tradição cristã, resíduo escrito da sua experiência fundante, quando a comunidade expressou a novidade – o Novo Testamento – com as letras do texto antigo, as escrituras de Israel – o Antigo Testamento – num inextricável entrelaçamento. A Bíblia deve ser vista em continuidade com a experiência que a provocou e que ela traduz, e ainda como iluminada por sua história de efeitos. O sentido da consignação escrita se desdobra na contemplação de sua leitura posterior e de seus efeitos históricos. Ou seja, a escritura bíblica deve ser situada no grande fluxo histórico e vivencial que, vindo desde os primórdios cristãos, nos alcança e nos carrega hoje. Este fluxo que chega até nós, este multifacetado horizonte, que nos diz ele sobre a vida que vivemos hoje?

3. Outra abordagem, ligada à anterior, será a “dimensão prática” da hermenêutica, pois, como nos ensina Gadamer, a peça musical só existe quando ela é executada, “criada” pelo virtuoso. A verdade da experiência cristã é sua vivência; só na vivência, a interpretação é verdadeira. Qual é a prática, qual a execução da pauta que, neste início do terceiro milênio de tradição cristã, confi-

gura a verdade da significância cristã transmitida pelo fluxo tradiovo?

4. E, finalmente, será que este olhar interpretativo permite delinear “tarefas e prioridades”, para a teologia como função intelectual, para o magistério como função ensinante e para todo o povo cristão – especificamente na confissão católica – como intérprete prático da pauta cristã? Como tocar hoje a melodia que a pauta cristã nos transmite? Será que a interpretação daquilo que a tradição cristã traz até nós coloca a teologia como discurso da fé diante de novas tarefas, e quais?

Teologia crítica e hermenêutica

Para finalizar, apresentamos as conclusões da introdução à hermenêutica teológica, produzida por W. Jeangrond nos anos 1990³.

1. Necessitamos de uma **teologia crítica** para fundamentar uma hermenêutica adequada. A teologia não pode contentar-se com sentenças não questionadas. A mera defesa oficial da fé e da continuidade formal da Igreja ameaçam a continuidade da experiência de fé em

3 JEANGROND, Werner. *Theological Hermeneutics. Development and significance*. London: Macmillan, 1991.

épocas e contextos diferentes. Em nosso contexto, não se salva uma tradição religiosa apenas alegando sua antiguidade, apostolicidade formal, consenso sinodal ou episcopal, pois estes critérios não excluem certas distorções, que nossos contemporâneos, com formação crítica, bem percebem. Podemos até perguntar se a preocupação eclesial e institucionalista não trai a fé escatológica na proximidade do Reino, anunciada por Cristo. Em contraposição, a crítica, provindo da própria tradição cristã, é estimulante.

Precisamos de um método de interpretação que seja próprio da teologia: não mera repetição de doutrinas, não mera evocação emocional – essas coisas não convencem. Para a sobrevivência do cristianismo (que não é “cristandade”), é urgente uma teologia crítica, unida a uma prática correspondente, com base nas comunidades. O cristianismo significa a presença de Deus em Jesus Cristo, e isso é o que deve ser transmitido, mesmo à custa de doutrinas formais e organizações oficiais.

2. Hermenêutica crítica. A tarefa primeira do teólogo-hermeneuta é perceber bem a experiência própria, com suas ambigüidades e falhas, ter consciência de seus próprios preconceitos, numa palavra, a atitude crítica (no sentido epistemológico). O teólogo não deve se

tornar um tirano intelectual; deve respeitar a alteridade. À leitura crítica do texto, deve juntar a autocrítica.

D. Tracy vê um caminho para isso na “interpretação conjunta” da tradição cristã e do mundo contemporâneo, sem diluição do cristianismo nem cristianização do que é diferente. Interpretação crítica que procura a reapropriação, passando pelo crivo da suspeita. Desenvolve-se numa dupla pluralidade, a dos contextos e a dos resultados da interpretação. Tal pluralidade faz parte das origens do cristianismo, pois, desde a primeira Igreja, apresenta-se uma diversidade dos testemunhos.

3. Pluralidade e ambigüidade no coração da tradição cristã. O evento originante da tradição cristã só é acessível pela própria tradição, e esta se apresenta na pluralidade dos testemunhos bíblicos e dos cristianismos vividos – dois *loci* (“lugares de captação”) da fé criticamente observados. O exame crítico das primeiras testemunhas protege contra apropriações indevidas. Por exemplo, encontramos em Marcos uma crítica aos elementos do culto judaico eventualmente considerados essenciais em certas comunidades, ou mesmo os acenos à “inconfiabilidade” dos doze discípulos de Jesus (e não só de Judas, “um dos doze”). Espírito crítico significa a disposição de questionar tudo: nenhuma “justificativa” bíblica ou cristológica deve ser aceita acriticamente. É nesta

linha que Lutero formulou o princípio de um critério cristológico dentro do próprio cânon bíblico: o que faz surgir o Cristo, *was Christum treibt*.

4. A tradição apesar da tradição. A tradição cristã é uma tentativa mais ou menos feliz de responder aos novos desafios levantados por Jesus, que são críticas construtivas em relação a elementos da tradição judaica: templo, messianismo, família/parentesco, etc. Não se trata de destruir a experiência de Israel (Lei e Profetas), mas de reavaliá-la à luz da experiência pessoal de Deus e da proximidade do seu Reino.

Jesus é um mestre não totalitário. Ensina a carregarmos nossa própria cruz, não a dele... Mas, apropriando a própria tradição, entrou em conflito com os guardiães da tradição. Quando ele foi finalmente reconhecido pelos discípulos e anunciado na pregação da ressurreição e do seu senhorio, surgiu, tanto no ambiente judaico como no helenístico, o conflito entre a tradição antiga e a nova, nascente. O desenvolvimento, a partir daí, de um

novo regime religioso, querendo-se legítimo, com a criação de instituições válidas e a evolução de um dogma cristológico, deve ser submetido à crítica. Não é inocente. “O anunciador tornou-se o anunciado”... Até que ponto esse processo é legítimo?

Apesar da coloração ideológica e cultural, a tradição cristã continua refletindo a experiência fundamental dos discípulos de Jesus, de seu ministério, de sua morte e ressurreição (= confirmação divina). Ora, isso só é levado à plena luz pela resposta ativa do povo na história, a *práxis*, que, conforme Jeangrond, é o critério único de legitimidade.

Esse caráter comunitário e “práxico” é revelação do “Espírito”. Mas o Espírito não pode servir para escarpamos da vida dos mortais comuns para nos instalar numa superioridade espiritualista... Exige contínua auto-avaliação, que implica a submissão aos critérios de toda hermenêutica. É a condição humana de nossa fé em Jesus Cristo, no qual se manifesta Deus.